

Toda vez que me perco de mim: arte têxtil e afetos

Cada vez que me pierdo de mí: arte textil y afectos

Every time I lose myself: textile art and affectivity

Ana Júlia Ribeiro¹
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: Trago aqui reflexões sobre a exposição “Toda vez que me perco de mim”, individual da artista/professora/pesquisadora Luciana Borre, oriunda do livro “Bordando afetos na formação docente” (2020), pesquisa em Artes desenvolvida pela artista no Departamento de Artes da UFPE e fomentada pelo Edital de Apoio à Pesquisa em Criação Artística – Proexc/UFPE (2019 e 2020). Entre os dias 16 de junho e 21 de setembro de 2025, pudemos conhecer dez trabalhos que atravessam diferentes suportes como bordados, tapeçarias, cologravuras, instalações, vídeo e livro-objeto, todos alinhados pela centralidade do têxtil como linguagem e como modo de narrar. O conjunto evidencia um processo de expansão sensível que se dá pela própria materialidade dos fios, marcando o início de uma série de desdobramentos têxteis e coletivos na trajetória da artista.

Palavras-chave: arte têxtil; educação da cultura visual; artes visuais; autobiografia; afetos

Resumen: Traigo aquí reflexiones sobre la exposición “Cada vez que me pierdo de mí”, individual de la artista/profesora/investigadora Luciana Borre, proveniente del libro “Bordando afectos en la formación docente” (2020), investigación en Artes desarrollada por la artista en el Departamento de Artes de la UFPE y fomentada por la Convocatoria de Apoyo a la Investigación en Creación Artística – Proexc/UFPE (2019 y 2020). Entre los días 16 de junio y el 21 de septiembre de 2025, pudimos conocer diez trabajos que atraviesan diferentes soportes bordados, tapicerías, colograbados, instalaciones, video y libro-objeto, todos alineados por la centralidad del textil como lenguaje y como modo de narrar. El conjunto evidencia un proceso de expansión sensible que se da por la propia materialidad de los hilos, marcando el inicio de una serie de desarrollos textiles y colectivos en la trayectoria de la artista.

Palabras clave: arte textil; educación de la cultura visual; artes visuales; autobiografía; afectos

Abstract: I bring here reflections on the exhibition “Every Time I Lose Myself,” a solo show by the artist/teacher/researcher Luciana Borre, based on the book “Embroidering Affections in Teacher Education” (2020), an Arts research project developed by the artist in the Department of Arts at UFPE and supported by the Call for Support of Research in Artistic Creation – Proexc/UFPE (2019 and 2020). From June 16 to September 21, 2025, we were able to see ten works spanning different media including embroidery, tapestries, color prints, installations, video, and artist books, all connected by the centrality of textiles as both a language and a way of storytelling. The collection highlights a process of sensitive expansion that arises from the very materiality of the threads, marking the beginning of a series of textile and collective developments in the artist’s career.

Keywords: textile art; education in visual culture; visual arts; autobiography; affections

¹ Ana Julia Ribeiro é artista têxtil, curadora e pesquisadora independente. Graduada em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (2019) e especialista em Direitos Humanos, Responsabilidade Social e Cidadania Global pela PUCRS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5520-409X>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2323428585610582>. E-mail: ana.juliarm@outlook.com.

É uma vertigem comum a todos essa de se lançar entre claro e escuro. Comum a todos, recorrente em várias etapas da vida, mas nem por isso fácil de acostumar que a luz é que costura a sombra e a sombra é que também costuma costurar a luz. E que por cada noite em que o escuro vem há um dia novo que nasce lá na frente. Abraçar uma sombra é a delícia de se amigar do precipício, saber do que se sente depois da vertigem de perder-se de si para costurar o chão interior.

Há cinco anos saímos dos fluxos de vida costumeiros para mergulhar em trincheiras, para atravessar fronteiras internas e externas e aprender outras formas de estar juntas. É nesse ponto de inflexão que Luciana nos convoca a um desconhecimento de si, através de suas obras que não traduzem aquilo que nomeiam, mas que brincam de balançar nossas certezas, eis algo muito mais precioso. É justamente no tempo em que se inicia um processo silencioso e corajoso de reencontro. As obras apresentadas são pequenas epifanias cotidianas: fragmentos de uma vida em que o ordinário se torna poético, tudo aqui se permite imperfeito, porque se permite humano. São trabalhos que não se oferecem como respostas, mas como companhia: como quem se senta ao lado, apenas para estar perto amorosamente.

Entramos na sala de exposição como quem entra em uma caixa de memórias, não em um sentido de guardados empoeirados mas sim daquelas que edificam a construção subjetiva, que atualiza, os contornos com o mundo. Toda vez que me perco de mim surge como um convite a uma contradição fundamental: a necessidade de se perder para poder reencontrar-se, num gesto contínuo de retorno a si. Ou, nas palavras de Manoel de Barros, “me procurei a vida inteira e não me achei - pelo que fui salvo”.

As obras que Luciana apresenta não se oferecem apenas ao olhar: elas nos convocam a caminhar, demandam aproximação, entrega e respiração lenta. Cada peça parece abrir um pequeno desvio, um caminho que não se percorre ilesa: há momentos em que precisamos ficar descalças para sentir o chão, permitir que o vestidinho branco se manche e revele aquilo que tentamos manter intacto. São passagens tecidas em camadas, algumas quase translúcidas, que nos convidam a aceitar o risco de não saber o que se revela do outro lado. Nesse gesto, o próprio corpo se torna parte da obra, atravessado e transformado pela experiência. Cada peça ali cuidadosamente apresentada tem uma evocação, uma constelação de relações e o fio, como narrativa estrutural da exposição, dá voltas espiralares nos volteios do tempo múltiplo da memória que se refaz no presente a cada subjetividade que se aproxima, toca, olha e se deixa afetar.

Ao se perder de si, Luciana nos ensina que a perda pode ser fértil. Que o descontrole também é solo para reinvenção. E que há beleza na vulnerabilidade. A exposição foi principalmente um convite a se deixar tocar, a acessar memórias sutis, a revisitar infâncias, a confiar no afeto como potência de cura. “Toda vez que me perco de mim” aprendo a descansar na espera do próximo passo, percebo o que é possível fazer e o que é necessário aceitar. Rememoro as cenas da infância, digo adeus ao que já não é possível viver e sentir. Volto a me movimentar em um balanço instalado na árvore, volto a rodopiar meu vestidinho e a lembrar de quem por aqui passou. “Toda vez que me perco de mim” seguro um tecido em minhas mãos e me torno atemporal, uma força brotuária cresce a cada ponto, em cada persistência de seguir com os fios. Sim, para fazer um bordado existe muita doação de si. Saliva para colocar a linha no

buraco da agulha, furos nos dedos, dor nas mãos e assim o tecido vai nos acompanhando junto com as trocas de peles e dos dias. É sobre viver o tempo em toda sua duração possível, um ponto após o outro, pois o tempo, nos ensina Leda Maria Martins (2022, p. 22), “antes de uma cronologia é uma ontologia, uma paisagem habitada pelas infâncias do corpo”. Relaxo e sorrio com a certeza de que me tornarei algo que já sou.

“Toda vez que me perco de mim” foi uma exposição individual, da artista Luciana Borre (1982-), com curadoria de Ana Júlia Ribeiro, no Observatório Cultural Torre Malakoff, localizado no centro histórico do Recife/Pernambuco, com abertura no dia 18 de junho de 2025 e com visitação de junho a setembro de 2025. Integrou as ações do projeto “Observa 3”, com a participação de cinco artistas selecionados no edital de ocupação de pautas do espaço, foi um conjunto de obras têxteis acompanhadas de contos poéticos. Foram bordados, tapeçarias, gravuras, instalação, vídeo-arte e livro/objeto produzidos no período de isolamento social causados pela pandemia COVID-19. Registrou os resultados dos processos de criação em um tempo introspectivo, voltado ao autoconhecimento e com a escassez de materiais. Vislumbrou o transbordamento de si por meio da materialidade têxtil e demarcou um período que disparou uma série de processos de criação têxteis e coletivas da artista. Foi uma exposição que abordou a necessidade humana do encontro presencial com significativo teor imersivo e tátil. Foi baseada no livro “Bordando Afetos na Formação Docente” (2020), da própria Luciana Borre.

Figura 1 – Luciana Borre. *Toda vez que me perco de mim*. 2025



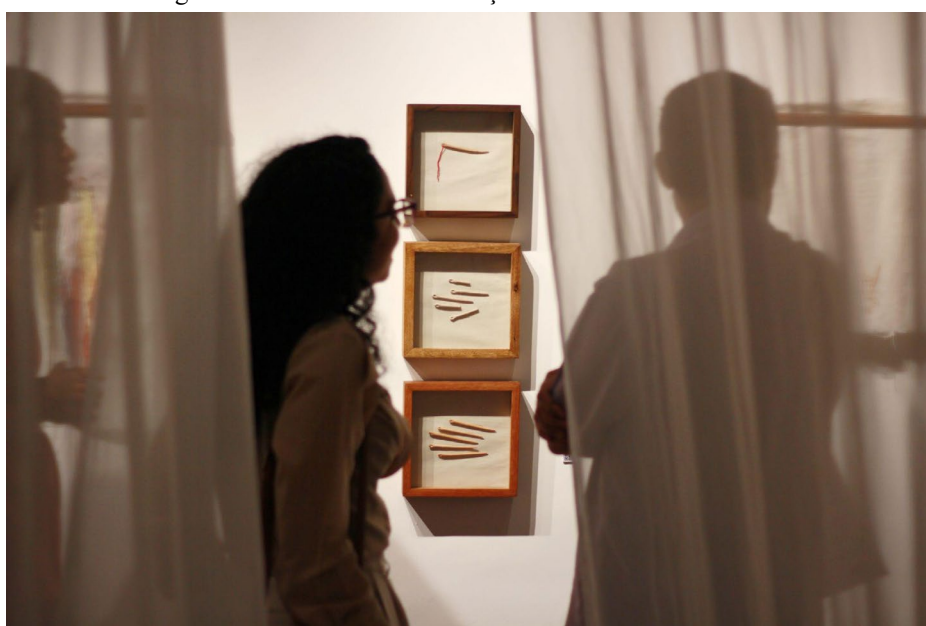
Fonte: Walton Ribeiro

Figura 2 – Luciana Borre. *Toda vez que me perco de mim*. 2025



Fonte: Walton Ribeiro

Figura 3 – Atividades de mediação na Torre Malakoff. 2025



Fonte: Walton Ribeiro

Figura 4 – Luciana Borre. *Bordando afetos, livro têxtil*. 2020



Fonte: Walton Ribeiro

Figura 5 – Luciana Borre. *Em balanço*, vídeo-arte. 2021



Fonte: Luciana Borre, *Em balanço*. 2021. 10 minutos.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ns0hs_q0tac&t=470s Acesso em: 10/10/2025.

Figura 6 – Atividades de mediação na Torre Malakoff. 2025



Fonte: A autora

Referências:

BORRE, Luciana. *Bordando Afetos na Formação Docente*. Conceição da Feira: Andarilha editora, 2020.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

Submissão: 01/10/2025

Aprovação: 09/12/2025

